

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ESTRUTURAS PRÉ-POMBALINAS E ESPÓLIO ASSOCIADO NO PÁTIO JOSÉ PEDREIRA (RUA DO RECOLHIMENTO E BECO DO LEÃO, FREGUESIA SANTA MARIA MAIOR)

Anabela Joaquin¹

RESUMO

No Pátio José Pedreira, as estruturas arquitetónicas associadas aos atuais edifícios revelaram o que sobreviveu de edifícios quinhentistas e que inclui uma porta com cantaria, duas calçadas, paredes em taipa, elementos decorativos em estuque, uma conduta e um pavimento em tijoleira, em excelente estado de conservação. As áreas habitacionais foram aterradas, com um espólio conotado com as funções quotidianas, de cronologia dos séculos XVI e XVII.

A intervenção arqueológica permitiu também identificar uma contínua ocupação do espaço, que inclui cronologias da Idade do Ferro, Romana, de período Islâmico, medieval cristão e moderno, e recolher um espólio com mais de 28 000 fragmentos inventariados, e que ainda se encontra em fase de estudo.

Palavras-chave: Habitações, Cerâmica, Estruturas quinhentistas, Faiança, Idade do Ferro.

ABSTRACT

In the José Pedreira Patio buildings, the architectural structures associated with the current buildings revealed what survived from 16th-century buildings and which includes a stone door, two sidewalks, mud walls, stucco decorative elements, a private conduit and a tiled floor, in excellent condition. The housing areas were ground-ed, with a collection connoted with the daily functions, chronology of the sixteenth and seventeenth centuries. The archaeological intervention also allowed identifying a continuous occupation of the space, which includes chronologies of the Iron Age, Roman, Islamic period, medieval Christian and modern, and collecting a collection with more than 28 000 fragments inventoried, and still in phase of study.

Keywords: Houses, Pottery, Fiftieth structures, Iron Age.

1. INTRODUÇÃO

O Pátio José Pedreira situa-se no interior do Castelo de S. Jorge, localizado na freguesia de Santa Maria Maior, possui dois acessos, um através de um portão no Beco do Leão e que permitia o acesso a um edifício dividido em 4 apartamentos e a antiga entrada principal na rua do Recolhimento n.º 35, que após a passagem por uma escada de lioz, acedia a um pátio e a 6 casas, as quais resultavam do reaproveitamento máximo do espaço.

As intervenções arqueológicas e arquitetónicas foram realizadas no âmbito do projeto PIPARU, Programa de Intervenção Prioritária em Ações de Reabilitação Urbana, da câmara municipal de Lisboa, e que permitiu a reabilitação do conjunto de edifícios, alvo do presente trabalho.

As escavações arqueológicas abrangeram o interior de 3 edifícios, designados edifícios A, B (dividido em 2 compartimentos) e C (dividido em 3 compartimentos), e o exterior, denominado Pátio José Pedreira (rua do recolhimento) e o Pátio Norte, de acesso pelo

1. APIA; ajoaquin¹@hotmail.com e anabela.joaquin¹@apia.pt

Beco do Leão. A intervenção decorreu entre Março e Outubro de 2015, dirigida pela signatária deste artigo e que beneficiou do excelente trabalho dos arqueólogos José Pedro Henriques e Tânia Costa.

Os edifícios incluídos no Pátio José Pedreira foram sujeitos a diferentes reestruturações dos seus espaços, de carácter habitacional, dando origem a elementos arquitetónicos com uma cronologia alargada entre os séculos XVI e XX.

2. ENQUADRAMENTO

A rua do Recolhimento, na qual se localiza o pátio José Pedreira, era conhecida como a rua do Jardim, em 1539. Cerca de 100 anos mais tarde, toma o nome de rua das Órfãs e por altura do terramoto, em 1755, era conhecida como a rua do Hospital. A toponímia adapta-se à sucessiva ocupação da rua, e aí se instalou, em 1583, o recolhimento de órfãs da Senhora da Encarnação (fundado por D. João III para meninas órfãs da nobreza, *filhas de criados da casa real* – cujo espaço se torna reduzido face à excessiva ocupação, sendo necessário transferi-lo para as casas dos duques de Aveiro. O Recolhimento foi destruído aquando do terramoto de 1755, *que ardeu todo, mas cuja memória ainda se conserva no letreiro da rua do Recolhimento*. (Castilho, 1967)

O pátio José Pedreira foi sujeito a sondagens de diagnóstico pela empresa ERA em 2010, da responsabilidade da arqueóloga Mariana Paiva Pinto (Pinto, 2011), que revelaram a larga ocupação cronológica, que se veio a confirmar, e a prévia identificação de algumas estruturas como o pavimento de tijoleira no edifício C e a presença de calçadas nos pátios. A análise dos contextos arqueológicos foi realizada por edifício, e por compartimento, que originou a seguinte descrição sucinta das estruturas mais relevantes e respetivo espólio associado.

2.1. Edifício A

A área do atual edifício A, era constituído por dois edifícios de piso térreo, de cronologia contemporânea, as paredes em alvenaria de pedra dos dois edifícios foram demolidas dando lugar a um único edifício térreo. A escavação permitiu identificar uma calçada em bom estado de conservação de cronologia quinhentista com 2 fossas escavadas na calçada e associadas a materiais arqueológicos datados dos séculos XVI e XVII.

A fase mais antiga está representada pela U.E. [09],

num depósito de sedimento de matriz argilosa de tonalidade vermelha, identificado na vala Norte, a estrutura negativa tipo fossa, a cerca de 0,50m de profundidade e de forma subcircular, apresentava vestígios de uma estrutura de combustão e com materiais associados da Idade do Ferro. A fossa foi parcialmente destruída pela construção da parede Sul do edifício B, compartimento 1. Sobre este depósito foi construída uma calçada de seixos rolados, com cerca de 16m², na qual foram abertas duas fossas, e que exigiram a destruição de parte da calçada, e utilizadas como despejo de materiais, de cronologia entre os séculos XVI e XVII. A associação da calçada com os alicerces das paredes identificados na fase 3, permite colocar a hipótese de um pavimento interior de um compartimento, de funcionalidade desconhecida. Sobre as estruturas anteriores existiam dois depósitos, um correspondente a um aterro de sedimento arenoargiloso e o outro a uma lixeira com densidade elevada de carvão. Os materiais enquadram-se no período Moderno, com predominância para a cerâmica comum de cozinha e mesa e a presença significativa de cerâmica modelada (Figura 1).

2.2 Edifício B, Compartimento 1

O edifício B era formado por 3 pisos, dividido em 5 apartamentos, três com acesso pelo Beco do Leão e os restantes dois pela rua do Recolhimento, o acompanhamento arqueológico da picagem parietal permitiu definir os 3 tipos construtivos das paredes que caracterizam os edifícios:

1. parede em taipa de qualidade superior (parede sul), constituída por sedimento castanho fino com densidade média de pedra de reduzidas dimensões e fragmentos de tijolo/tijoleira. Apresenta camadas bem definidas de sedimento, com cerca de 15/20cm, intercaladas por camadas finas de argamassa de cal; finalizando com um reboco constituído por uma argamassa laranja robusta misturada com blocos de pedra calcária informe. Uma parede em taipa de qualidade inferior foi identificada na parede norte, constituída por sedimento castanho argiloso e materiais diversos com a função de espessamento, como fragmentos de cerâmica, pedras de pequena e média dimensões e em menor densidade fauna malacológica e terrestre, A sua inferior qualidade originou o seu desmoronamento parcial após se ter retirado o reboco, que se deveu a um sedimento pouco argiloso ou a uma deficiente

consolidação da taipa, traduzindo-se na presença de remendos, constituídos por fileiras verticais de tijolos.(Figura 2).

2. parede de alvenaria de pedra irregular, frontal ou estrutural, formada por argamassa amarela de areão com cal, pedra calcária informe e densidade reduzida fragmentos de materiais de construção e revestidas com reboco de cal e estuque;
3. paredes divisórias em tabique, conjunto de tábuas dispostas na vertical, com um fasquiado de madeira bifacial, preenchido com argamassa de cal de tonalidade laranja, pedra calcária e elementos cerâmicos, como tijoleira, de reduzida dimensão, e um revestimento com estuque. Espessura entre 9 a 12cm.

Neste compartimento, no piso 1, foi também identificado vestígios de uma antiga ornamentação de uma janela ou porta, ombreira chanfrada em estuque e tijoleira, confirmada pela presença de uma segunda ombreira em arco canopial central ladeado de outros pequenos arcos num vão no edifício C. Os elementos decorativos em estuque são redescobertos e incluídos nos edifícios a partir do século XVI, geralmente como decoração de janelas em andares superiores, comum em edifícios manuelinos e com paralelos em vãos cm ombreiras de arcos recortados em Alvito e em Óbidos e um idêntico ao referido na travessa Sobreira² em Castelo Branco.

A ombreira (Figura 3) com aproximadamente 2,1m de largura por 0,60m de altura, constituído por uma moldura formada por placas de tijoleira, com parâmetros métricos entre os 15cm e os 50cm de comprimento por 4 cm de largura e o interior composto por uma estrutura em estuque com motivos circulares concêntricos, os quais se encontram preenchidos com uma tijoleira semicircular. Somente um dos motivos decorativos está praticamente intacto, verificando-se 3 placas circulares de estuque sobrepostas, em ordem crescente. A estrutura foi posteriormente coberta com argamassa (Figura 3).

Durante a intervenção foi também exumado um importante conjunto cerâmico, um espólio de 4981 fragmentos de material arqueológico, dos quais 298 da Idade do Ferro, e identificar estruturas com uma diacronia ocupacional entre a Idade do Ferro e a Idade Moderna. Os contextos da Idade do Ferro, romano e islâmico (fossa) encontravam-se sob os níveis de pa-

vimento e embasamento do edifício do século XVII, selado por um pavimento de calçada pós-terramoto. Os resultados da escavação revelaram na sondagem 1-B1, no sector noroeste, um importante contexto romano, representado por uma unidade estratigráfica (U.E.[12]), composta por sedimento homogéneo compacto de textura argilosa de coloração amarela escura, e com abundantes fragmentos de ânfora, de tipo Dressel, T-7, greco-ítálica, lusitana e tripolitana antiga, num total de 475 fragmentos e de cerâmica comum (429 fragmentos), o grupo inclui também densidade média de cerâmica de construção (*imbri-ce e tegulae*), dolia e brunida e densidade reduzida de terra sigillata (sudgálica, itálica, hispânica) e campaniense. Uma ocupação romana republicana persistente, que incluiu 2 fossas e um derrube em 3 fases, o qual era constituído maioritariamente por cerâmica de armazenamento e materiais de construção (Filipe, 2008). O conjunto de cerâmica romana foi recuperado numa estratigrafia também afetada pelo revolvimento provocado pela construção do edifício. Com um espólio de mais de 1100 fragmentos, e a presença neste depósito de cerâmica associada à Idade do Ferro, destacando um prato de peixe brunido, com bordo em aba, tipologia identificada em intervenção anterior (Sousa, 2016) e 3 fragmentos com decoração pintada, um bordo com banda castanha e 2 de parede com banda negra e bandas vermelhas horizontais paralelas (Calado, Almeida, 2013). A produção cerâmica enquadra-se entre os séculos VIII a V a.C., de origem provavelmente regional, com uma tipologia diversificada.

A importância desta unidade reside no facto de estar subjacente (sector noroeste) a uma estrutura de função não identificada, colocando-se as hipóteses de ser um pavimento ou um robusto muro, constituída por uma pequena plataforma e uma rampa, separadas por um canal escavado no substrato, e cuja construção é formada por argamassa compacta e blocos de pedra calcária informe e que assenta no substrato. A estrutura possui 3,81 de comprimento por 1,20m de largura máxima e um ângulo de 45° e desconheceu-se as suas dimensões originais, pois encontra-se encaixada a Norte e a Este pelas atuais paredes do edifício, a Sul, pela base de uma antiga parede de cronologia Medieval/Moderna e a Oeste, pelas intervenções realizadas desde a ocupação romana. A análise do conjunto cerâmico que fazia parte de uma parcela de um murete identificado sobre a área central da estrutura (EU.[26] e do depósito subjacente

2. <http://www.cm-castelobranco.pt/municipe/patrimonio/detalhe-edificio/?id=1613#>

(U.E.[25], permitiu atribuir-lhe uma cronologia da Idade do Ferro. (Ribeiro, Neto, Rebelo, 2017)

Os materiais arqueológicos associados a esta estrutura são significativos, recolhidos em duas unidades atribuídas à Idade do Ferro. A U.E [25] é composta por um sedimento argiloso compacto de tonalidade laranja escuro e totaliza 90 fragmentos cerâmicos. Registam-se 39 fragmentos de cerâmica cinzenta (Arruda, Freitas, 2000), dos quais foi possível identificar 5 taças, de colo troncocónico, e 4 potes/panela. Nos exemplares de cerâmica fina, o engobe vermelho apresenta-se na superfície interna e ao exterior é reservado a um polimento cuidado, e recolheu-se um bordo em aba com canelura de um pequeno pote. A maioria da restante cerâmica comum apresenta paredes retas com pasta vermelha e o acabamento final consiste somente em alisamento bifacial ou engobe laranja e polimento, de referir a decoração em 2 fragmentos de parede, um composto por bandas horizontais vermelhas pintadas e o segundo com uma banda negra.

A U.E[26], consiste em parte de um murete, junto à parede norte do edifício, com cerca de 0,25m de altura, constituído por sedimento argiloso de tonalidade alaranjada, clastos de pequena e média dimensão e composto por um grupo de 29 fragmentos, quase exclusivo de cerâmica comum da Idade do Ferro. Os fragmentos apresentam pastas laranja e mista (cerne cinza e vermelha), e o acabamento final consiste em engobe exterior e polimento. Destacam-se somente 2 fragmentos com engobe branco (Figura 4). Em período islâmico, uma fossa, de atual forma semicircular, foi escavada na estrutura e da qual proveio um conjunto cerâmico representado por fragmentos de cerâmica comum decorados com faixas brancas correspondendo a jarros, cântaros e taças e com vidrado verde, cujos bases anelares e bordos permitiram identificar taças e tijelas.

2.3. Edifício B, compartimento 2

(Figura 5)

Na parede Este foi identificado um emolduramento de uma porta original quinhentista de acesso ao exterior, atualmente embutida na parede meira da casa vizinha, e anexa à parede de acesso ao edifício C. A porta apresenta um emolduramento em cantaria com lintel reto suportado por colunas, posteriormente escondida por reboco, e a que se acedia por escada, que foram aterrados com um enchimento de cerca de 1,5m de diâmetro por cerca de 0,80m

de altura, formado por uma lixeira com centenas de fragmentos de cerâmica, vidro, metais e osso. Após retirar-se o enchimento, ficou a descoberto o negativo de três degraus. A estrutura encontrava-se delimitada por um murete em alvenaria em razoável estado de conservação. Os materiais arqueológicos dos séculos XVI e XVII, compõem uma “lixeira” idêntica às identificadas nos edifícios A e C, sobre a calçada e o pavimento de tijoleira, respetivamente, correspondendo a um encerramento intencional das estruturas.

Na área Norte foi identificado uma unidade de cronologia romana destruída pela construção de uma parede de alvenaria de pedra de cronologia Medieval ou Moderna (U.E.[09]), parcialmente demolida em período indeterminado, e da qual somente restou a sua base, com 0,38m de altura máxima e 7,1m de comprimento. Uma das extremidades da base da parede foi reaproveitada na criação de um pequeno compartimento de planta semicircular, cujas paredes são formados por blocos calcários de média e grande dimensão e fragmentos de uma mó, somente emparelhadas sem o uso de um ligante, e que registava um comprimento máximo interior de 1,05m. No seu interior foi detetado o negativo de uma tábua de madeira carbonizada e uma argola de metal associado a um fragmento de um osso longo, tratava-se provavelmente de um espaço para guardar um animal, um pequeno curral, numa área definida como um pátio ou quintal, num período que antecedeu a construção do edificado quinhentista (Figura 6).

E anexa à parede Norte, no depósito mais antigo do compartimento, foi identificada uma fossa com um conjunto de ânforas, que inclui uma Tripolitana Antiga de perfil completo, única no nosso território, e que foi analisada, assim como o restante conjunto anfórico pelo arqueólogo Victor Filipe, que concluiu ser composto por 147 fragmentos classificáveis, isto é, bordos, fundos e asas, correspondendo a um Número Mínimo de 63 Indivíduos. Destes, 90% correspondem a ânforas republicanas e 8% a ânforas produzidas durante o principado, sendo os restantes 2% de cronologia indeterminada.

No conjunto mais alargado das ânforas republicanas dominam as importações da Península Itálica, 51%, sobretudo o vinho transportado nos típicos contentores desta Época, de tipo Dressel 1 e Greco-Itálico, 49%, face à residual importação de azeite da área brindisina, 2%, em ânforas ovóides.

As produções da área costeira meridional da pro-

víncia hispânica da Ulterior estão também muito bem representadas, 38,6%, exclusivamente por contentores destinados ao transporte de preparados piscícolas (T-7.4.3.3. – 36,8%; e T-9.1.1.1. – 1,8%). As importações do Norte de África resumem-se a 3,5%, e são representadas exclusivamente pelas ânforas oleícolas de tipo Tripolitana Antiga.

No que se refere aos produtos transportados por estas ânforas, observa-se o domínio do vinho, 52%, seguido pelos preparados de peixe, 38%, e a escassa importação de azeite (5%), sendo os restantes 5% indeterminados.

O conjunto anfórico do Pátio José Pedreira enquadra-se perfeitamente naquilo que é conhecido para a fase republicana da cidade de *Olisipo*, testemunhando os importantes contactos comerciais com a bacia do mediterrâneo, sobretudo com a Península Itálica e área gaditana. Embora quantitativamente pouco expressiva, pela sua raridade é igualmente de assinalar a presença de formas alto-imperiais no castelo, como as Lusitana Antiga, Lusitana 3, Haltern 70 e ovóides do Guadalquivir (Figura 7).

2.4. Edifício C, compartimento 3

O compartimento 3, pertence a um edifício original quinhentista, que sobreviveu ao terramoto, devido ao contributo da excelente qualidade das suas paredes, e que permitiu a preservação com reduzidos danos de um piso em tijoleira e de uma porta com emolduramento em cantaria implementada numa parede partilhada com o edifício B2. As restantes paredes, dos definidos compartimentos 1 e 2, fazem parte de um edifício pós-terramoto, que inclui um alpendre com três arcos de tijoleira e que foi anexado ao compartimento 3 (pavimento de tijoleira).

O pavimento em tijoleira ocupa todo o compartimento, em bom estado de conservação, à exceção de duas pequenas áreas, uma devido a abatimento de algumas tijoleiras junto à parede Norte e outro junto à parede Este devido a um teste geotécnico. Sobre o piso em tijoleira (U.E.3) verificou-se a existência de uma lixeira, que ocupa toda a área do compartimento, com cerca de 1m de profundidade por 18m² (Figura 8).

A “lixeira”, uma unidade de enchimento, é constituída por elevada densidade de carvões, e milhares de fragmentos de materiais arqueológicos constituídos por cerâmica, vidro, metal e faunas, com cronologias entre os séculos XVI e XVII. A combustão presente no sedimento da lixeira derivou de um in-

cenio fora do compartimento, e cujo material proveniente dessa destruição foi depois introduzido no interior do compartimento do atual edifício C. As paredes e o piso de tijoleira não apresentam vestígios de ação térmica e a combustão produzida dentro do edifício, teria colocado o edifício em risco. O enegrecimento visível resulta do prolongado contacto com o sedimento com uma densidade muito elevada de carvões (Figura 8).

Durante os trabalhos de escavação do enchimento/lixeira do compartimento 3, foram exumados 12 480 fragmentos de cerâmica. No grupo de cerâmica comum de uso doméstico, a cerâmica de cozinha representa 57,9% e a cerâmica de mesa 42,1%, da totalidade dos fragmentos e peças de perfil completo inventariados neste compartimento. Foram identificadas 908 peças de acordo com os fragmentos possíveis de identificar de acordo com a sua morfologia e tipologia. Na loiça de cozinha, a panela ocupa o primeiro lugar do grupo, com 203 exemplares identificados, os recipientes apresentam o bordo extrovertido, de seção subtriangular, subcircular ou subretangular, o corpo globular, colo troncocónico, asas de fita horizontal e base plana ou plana onfalada (Bugalhão, 2015).

A produção de cerâmica modelada é constituída por uma importante coleção, com um significativo número de 662 fragmentos, que permitiram identificar uma tipologia constituída por taças, potes, púcaros, prato, tampa e bilha. Os fragmentos recolhidos incluem 249 de fundos, 243 de bordos, 133 de paredes e 37 de asa, que permitiram a identificação de 340 peças. Na loiça de mesa as taças apresentam maior densidade e representam 37,6% do total dos fragmentos e 12 taças de perfil completo ou quase completo, na loiça de cozinha o pote com 34,1% é a tipologia predominante (Figura 8).

Na faiança predominam as tipologias de prato, taça e tijelas, com pasta de tonalidade branca amarelada, homogénea e com elementos não plásticos de grão fino e médio e o vidrado apresenta variações na sua qualidade e no seu brilho. Os motivos decorativos incluem semicírculos concêntricos, aranhões, pingos e linhas distribuídos pela face, bordo, fundo e aba. (Casimiro, 2011)

A cerâmica vidrada é representada por um número significativo de alguidares, saladeiras e vasos de noite, com vidrados em tom de melado e verde, unifacial e bifacial integral ou parcial. A loiça malagueira é representada por taças, com exemplares de carena-

da e hemisférica, pratos e especeiros (catorze, seis com perfil completo).

A destacar ainda um conjunto de faiança com esmalte em tonalidade de azul *berettino* e decoração na mesma cor em tonalidades mais escuras, foi exumado um total de 889 fragmentos, dos quais distinguiu-se pratos fundos e rasos e taças de pé anelar baixo, e os elementos decorativos incluem motivos vegetalistas e fitomórficos (linhas cruzadas, em espinha e onduladas), normalmente aplicados nas abas e os medalhões com figuras antropomórficas, florais e paisagísticas. Esta majólica está associada a centros produtores italianos de Montelupo e Liguria (Amaro, Filipe, Henriques, Manso, 2013), porém a sua elevada densidade e diferenças no esmaltado e nas tonalidades, pode indiciar uma associação a um centro produtor nacional.

A porcelana Chinesa, após a colagem dos exemplares recuperados, foram contabilizados 210 fragmentos de onde se identificaram 61 peças individualizáveis face às suas características formais e decorativas, tendo sido possível nalguns casos a reconstrução de alguns exemplares.

O conjunto de porcelana recuperado no Pátio José Pedreira fornece importantes elementos para a compreensão do apogeu da sua importação, centrando-se sobretudo na segunda metade do séc. XVI e primeiras décadas do séc. XVII, durante os reinados dos imperadores Chineses Jiajing (1522-1566), Longqing (1567-1572) e Wanli (1573-1619). Contudo, ocorrem aqui alguns exemplares produzidos na época dos imperadores Tianqi (1620-1627) e Chongzhen (1628-1644), já integrados no chamado “período de transição” (Figura 9), por norma mal representado nos contextos arqueológicos lisboetas (Henriques, 2012). Formalmente o conjunto apresenta uma predominância de pratos de aba com trinta e cinco exemplares, catorze taças, covilhetes e pratos covos com quatro exemplares cada, uma tijela de média dimensão, uma garrafa e o fragmento de uma caixa com representação da cabeça de em pato mandarim, decorada a *biscuit* e um fragmento de prato ou taça (Figura 9).

2.5. Pátio Norte

No decorrer da intervenção realizada no pátio Norte, de acesso pelo Beco do Leão, e após a remoção da unidade composta por entulho, foi identificada um pavimento exterior de calçada composta por seixos rolados e pedras de calcário. A calçada inclui uma rampa de acesso ao atual edifício B, com cerca de

0,80 m de largura por 1m de comprimento, constituída por seixos rolados e 3 fragmentos de tijoleira. Na estrutura foi implementada uma laje de cobertura do sistema de saneamento e com ligação a uma caleira, de orientação norte-sul, identificada no edifício B, compartimento 2, anexa ao pátio Norte (Figura 10).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto material e as estruturas identificadas permitiram vislumbrar uma casa dos séculos XVI e XVII, com dois e três pisos, calçadas exteriores ou associadas a edifícios de apoio ao edificado, um pavimento interior em tijoleira, paredes de taipa, uma provável entrada principal constituída por uma porta com emolduramento em cantaria e ombreiras em vãos com elementos decorativos em estuque. A reestruturação do edificado caracterizou-se também pelo encerramento de vãos, o aumento da área habitacional e a adoção de elementos arquitetónicos como a construção de um alpendre e uma segunda fase de subdivisão do espaço recorrendo a paredes de tabique, motivada pela progressiva necessidade de responder a um rápido crescimento urbano. Porém o complexo habitacional não terá sofrido reestruturações significativas ao traçado original.

O espólio cerâmico identificado nas unidades estratigráficas associadas à lixeira nos edifícios A, B e C e a sua distribuição por diferentes compartimentos, sugere um despejo intencional, com a intenção de cobrir as estruturas existentes, calçada, degraus e pavimento de tijoleira, respetivamente, criando um pavimento de terra batida, ao qual se sobrepôs um soalho de madeira. Durante as intervenções não foram identificados estratos queimados associados ao terramoto, e somente se registou duas “gaiolas pombalinas” de reduzidas dimensões, uma no edifício B, a qual foi construída para encerrar um vão, que suportava um elemento decorativa em estuque e a segunda correspondia a uma parede frontal no piso 1 do edifício C.

O conjunto cerâmico exumado apresenta uma evidente diversidade, que permite especular sobre a sua proveniência e a sua ligação com o edificado onde foi depositado. A caracterização e interpretação das estruturas de cronologia moderna indicam uma casa nobre, na planta da cidade de Nunes Tinoco o pátio apresenta o traçado original, com uma configuração idêntica, e que teria certamente peças de boa qualidade e dispendiosas, porém a elevada e invulgar expressividade numérica de cerâmica modelada, faian-

ça de decoração azul sobre esmalte azul e porcelana retirada da lixeira sobre o pavimento de tijoleira indicia uma associação a uma propriedade palaciana.

As sondagens arqueológicas confirmaram uma longa ocupação diacrónica no pátio José Pedreira, com a estrutura mais antiga, proto-histórica, a representar uma provável estrutura de suporte a um povoamento, parcialmente destruída pela intensa presença no período romano republicano.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino, FILIPE Victor, HENRIQUES José Pedro, MANSO Cláudia (2013) – Prisão do Aljube no século XVI – Majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola, *Arqueologia em Portugal, 150 Anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, vol. 3-2, p. 25-59.

BUGALHÃO Jacinta (2015) - *Uma Casa Pré-pombalina na Baixa Lisboa: núcleo arqueológico da rua dos Correeiros*. Lisboa, CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores.

CALADO, Marco; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, Manuela (2013) – Cronologias absolutas para a Iª Idade do Ferro em Olisipo – o exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judearia em Alfama”, *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 118-132.

CASIMIRO, Tânia, (2011) – Estudo de Espólio de Habitação Setecentista em Lisboa, *O Arqueólogo Português*, Série V, 1, p. 689-726.

CASTILHO Júlio de (1967) – *Lisboa Antiga*, Vol. IV, pág. 43.

FILIPE, Victor (2014) – *As Ânforas do Teatro Romano de Lisboa*, tese de mestrado, Universidade de Letras, Faculdade de Letras, departamento de História.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (dir.) (2001) – *Castelo S. Jorge. Relatórios das escavações arqueológicas*. Lisboa.

HENRIQUES, José Pedro (2012) – Do Oriente para Ocidente: Contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 2. p. 919-932.

PINTO, M. P. (2011) – *Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos – Rua do Recolhimento 35 / Beco do Leão*, Lisboa.

MOITA, Irisalva [Coord.] (1994) – *O Livro de Lisboa*. Livros Horizonte. Lisboa.

PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2014) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça, In

ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 724-735.

PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da; CALADO, Marco (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15, In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 712-723.

SOUSA, Elisa de (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal). Novos dados das escavações realizadas na rua do Recolhimento / Beco do Leão, *Apontamentos de Arqueologia e Património* – 11.

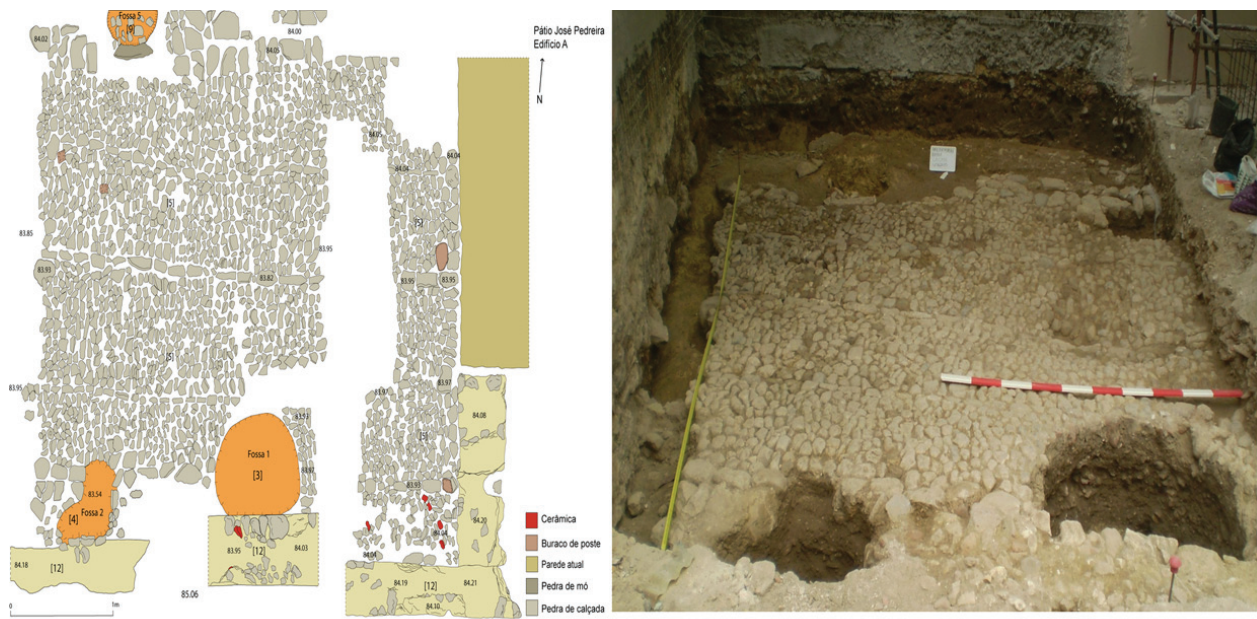


Figura 1 – Levantamento e vista geral da calçada no edifício A. (autoras: Anabela Joaquineto e Tânia Costa)



Figura 2 – Pormenores das paredes de taipa e alvenaria de pedra. (autora: Anabela Joaquineto)

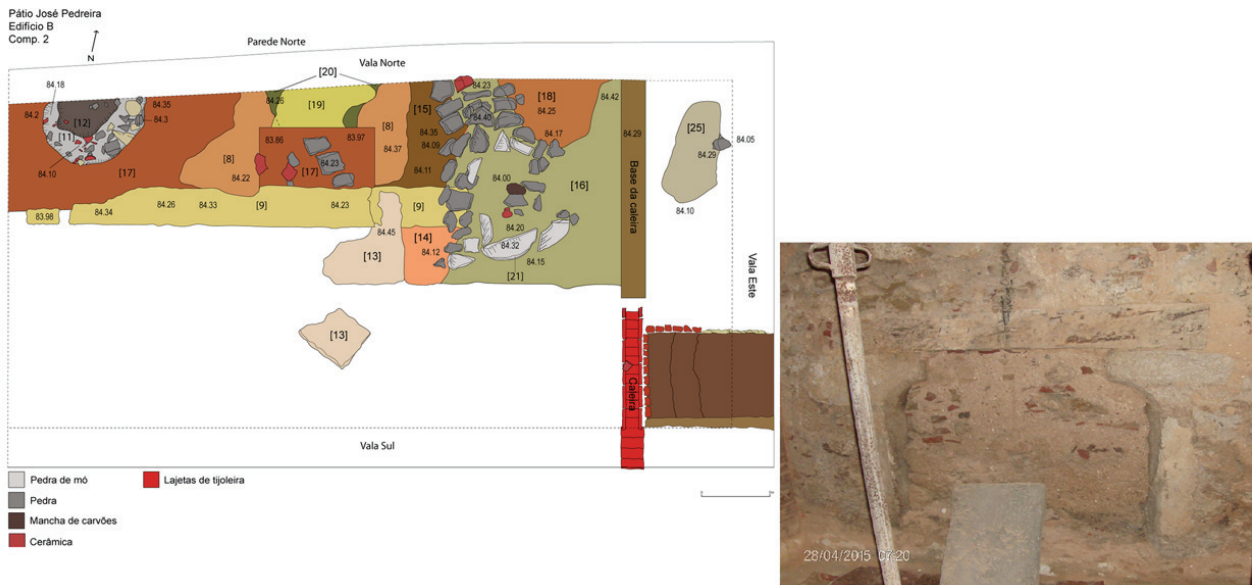


Figura 5 – Levantamento geral do compartimento 2 e porta quincentista anexa à parede Este onde foi localizada. (autoras: Anabela Joaquineto e Tânia Costa)



Figura 6 – Estrutura semicircular identificada no edifício B2. (autoras: Anabela Joaquineto e Tânia Costa)

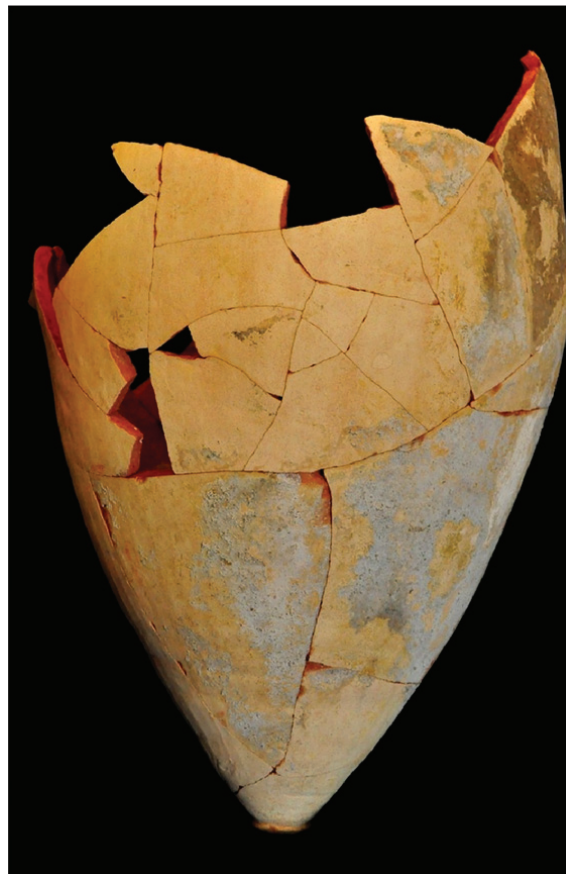


Figura 7 – Fossa com depósito de ânforas, incluindo a Tripolitana Antiga, cujo processo de limpeza e montagem foi da responsabilidade do arqueólogo Victor Filipe. (Autor: Victor Filipe)



Figura 8 – Contexto de cronologia Moderna presente no edifício C3: “lixeira”, pavimento de tijoleira e conjunto cerâmico (cerâmica comum, modelada e faiança). (autoras: Anabela Joaquinito e Tânia Costa)



Figura 9 – Cerâmica vidrada, faiança e porcelana provenientes do edifício C. (autor: José Pedro Henriques)



Figura 10 – Vista geral da calçada no Pátio Norte. (autora: Anabela Joaquineto)



Patrocinador oficial